

O VOCABULÁRIO DE CUNHO SÓCIO-POLÍTICO EM “ME SEGURA QUE EU VOU DAR UM VOTO”: O TEATRO EM TEMPOS DE DITADURA MILITAR

Isabela Santos de Almeida*
Rosa Borges dos Santos**

Resumo: *A Ditadura Militar estabelecida no Brasil no período de 64-85 trouxe consigo a Censura militar, cuja principal função era controlar informações circulantes no país. O teatro torna-se alvo da prática repressora, exemplo disso é o volume de peças censuradas na Bahia durante esse período. As peças teatrais, nesse sentido, emergem como importantes documentos a serem resgatados por conter informações relevantes para a compreensão desse período, dentre elas, o vocabulário de cunho sócio-político. Seleciona-se como objeto de estudo a peça “Me segura que eu vou dar um voto” de Bemvindo Sequeira, cujos vocábulos e expressões de cunho sócio-político, serão analisados a partir da Teoria dos Campos Léxicos de E. Coseriu.*

Palavras-chave: Teatro; Censura militar; Vocabulário.

1. INTRODUÇÃO

A década de 50 marca um período de auge no teatro nacional. Surgem outras formas de pensar o teatro, novas linguagens são incorporadas, constituindo-se como elementos decisivos da formação de uma nova dramaturgia. Escritores como Ariano Suassuna e Dias Gomes ganham visibilidade, consoante a isso novos grupos teatrais como o Teatro de Revista e o Teatro de Arena se formam. Na Bahia, o processo de modernização da cidade de Salvador conta com a presença da UFBA sob a influência do reitor Edgard Santos, que incentiva a estruturação das escolas de artes, responsáveis por empreender uma renovação e profissionalização da arte.

O Golpe Militar de 1964 coíbe a nova produção teatral, uma vez que institui a censura e impõe um controle às produções artísticas, submetendo-as ao Serviço de Censura de Diversões Públicas, órgão vinculado ao Departamento de Polícia Federal e ao Ministério da Justiça. A arte é, assim, encarada como objeto de investigação policial. Este tratamento dado ao teatro, ao longo das duas décadas de Ditadura, estimulará dramaturgos, atores e diretores a buscar, nos elementos constitutivos da cena teatral, alternativas que preservassem a mensagem original do texto, dentre elas destacam-se o uso de metáforas engenhosas, a utilização de linguagem corporal, elementos de cenário, figurino e até o próprio silêncio, em falas cortadas, intencionalmente, para deixar claro que naquele lugar houve a supressão de um elemento¹.

* Acadêmica do Curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Bolsista vinculada à FAPESB - Projeto de Pesquisa “Edição e estudo de textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura militar”, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

** Doutora em Letras, Professora Adjunta no Departamento de Ciências Humanas, Campus I, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Professora Adjunta no Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orientadora. E-mail: rosa.bs@terra.com.br.

¹ Informação verbal obtida em entrevista com Cleise Mendes e Harildo Deda em novembro de 2006, Salvador.

Estudos acerca de peças teatrais censuradas no Brasil estão se iniciando. Na Bahia, a Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos é responsável pelo projeto “Edição e estudo de textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura militar”, que toma para análise os textos teatrais censurados, fazendo-lhes edições e desenvolvendo estudos lingüísticos e literários a partir de tais edições.

O acervo do Espaço Xisto Bahia² se constitui como um espaço de preservação dessa história. Tal acervo guarda peças que passaram pelo crivo dos censores. Localiza-se neste acervo a peça “Me segura que eu vou dar um voto” de Bemvindo Sequeira (1982), cujos vocábulos e expressões são objeto de estudo do presente artigo.

Neste estudo, busca-se empreender uma análise estrutural do léxico presente no texto teatral, utilizando, para tanto, a teoria dos campos léxicos. Esta, sistematizada por Eugenio Coseriu (1991), que em seu texto *Princípios de semântica estrutural*, procura, através do estudo do léxico de uma língua resgatar a história do povo que a fala. Desta forma, as escolhas lexicais feitas por Bemvindo Sequeira em “Me segura que eu vou dar um voto” são testemunhos da sociedade baiana, sua diversidade, seus comportamentos e sua ideologia naquele período de repressão.

O trabalho, portanto, justifica-se por resgatar a memória do teatro baiano, e, logo, do teatro nacional, acrescentando informações ao conhecimento já existente sobre esse assunto, auxiliando a compreensão da censura militar no período 1964-1985 e sua relação com a cultura e a história local, entendendo, dessa maneira, o teatro como forma de resistência à repressão promovida pela ditadura militar.

2. A CENSURA MILITAR

A lei 5.536 de 1968 dispõe sobre a censura de peças teatrais e produções cinematográficas e propõe como eixo de censura a classificação etária. O critério expresso para o veto diz respeito às produções que fossem

“contrárias à segurança nacional e ao regime representativo e democrático, à ordem e ao decôro públicos, aos bons costumes, ou ofensivas às coletividades ou religiões ou, ainda, capazes de incentivar preconceitos de raça ou de lutas de classes”. (Lei 5.536, Art 3º)

Os censores, sendo representantes da ideologia militar, lançavam mão do poder que tinham para empreender uma espécie de “peneira” ideológica, na qual só permitiam passar aquilo que não ferisse o referencial ideológico da censura militar, a fim de preservá-lo, e assim, impô-lo a todo país numa tentativa de homogeneização cultural, ideológica, lingüística e comportamental.

As peças para as quais era pleiteada a encenação deveriam necessariamente ser submetidas ao crivo da censura. A solicitação era feita geralmente por meio de ofício enviado junto com a peça em três vias ao Serviço de Censura de Diversões Públicas. O censor, então,

² O Espaço Xisto Bahia está localizado à Biblioteca Pública do Estado, em Salvador, seu acervo consta de peças teatrais, publicações sobre teatro, fotografias de espetáculos encenados da Bahia, panfletos e cartazes.

examinava o texto e emitia seu parecer, o trecho vetado era destacado, com carimbos “COM CORTES” ou “CORTE” e/ou identificação manuscrita “corte”.

Procedia-se ao “ensaio geral” no qual a peça era encenada para uma comissão de três censores de posse dos *scripts*, se aprovada, abria-se a temporada de apresentação ao público, ainda assim, o censor voltava periodicamente ao longo da temporada. Como expresso em trecho da lei “após aprovadas pela censura, não poderão ter seus textos modificados ou acrescidos, inclusive na representação” (Lei 5.536, Art 11º). Na prática, tal exigência não impedia a existência de dois textos: um para ser encenado na presença do censor e outro na ausência.³

3. A TEORIA DOS CAMPOS LÉXICOS DE EUGENIO COSERIU

O léxico ainda é um domínio lingüístico pouco explorado, sobretudo pela sua amplitude e complexidade. Esses fatores possibilitam que enfoques diferentes sejam tomados, fazendo-se necessária uma efetiva delimitação da área de investigação e a escolha de um modelo teórico adequado.

No ensaio, *Para una semántica diacrónica estructural*, Coseriu lança as bases para o desenvolvimento de estudos do léxico a partir da perspectiva estrutural. Para tanto, parte de uma noção já discutida por Saussure que compreende o léxico como um sistema organizado, no qual as modificações acontecidas a um elemento implicam em modificações de todo o sistema de relações desse elemento. Coseriu, no entanto, opta pela nomenclatura de Hjelmslev utilizando os termos *expressão e conteúdo*, fazendo uma distinção entre os significados, que são lingüísticos, e as coisas, que pertencem ao mundo real. A partir de então, segue-se a um estudo diacrônico estrutural do plano do conteúdo de uma língua funcional que é definida como “una lengua más o menos unitária dentro de una lengua histórica”⁴ (COSERIU, 1991, p.12).

Por campo léxico, entende-se

“un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos lexemas subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre si por diferencias mínimas de contenido léxico (‘rasgos distintivos’ o ‘semas’) ”⁵ (COSERIU, 1991, p. 135).

Nesse sentido, as lexias agrupadas em um campo são constituídas por uma mesma substância semântica linguisticamente formada, opondo-se por traços mínimos que lhes diferenciam. Tais oposições, além de demarcar as diferenças entre as lexias, caracterizam os tipos de campos, possibilitando, assim, a elaboração de uma tipologia dos campos léxicos.

Coseriu leva em consideração, para a tipologização dos campos, além das oposições distintivas, a relação do campo com a realidade extralingüística. A teoria dos campos léxicos se mostra, portanto, uma metodologia eficaz de análise estrutural do léxico, ferramenta para lingüistas e etimólogos em seu engenho de desvendar a organização do sistema lexical.

³ Informação verbal obtida em entrevista com Cleise Mendes em Salvador, 06 de novembro de 2006.

⁴ Traduzindo: “Uma língua mais ou menos unitária dentro de uma língua histórica”

⁵ Traduzindo: “é um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo), que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico (‘traços distintivos’ ou ‘semas’)”

A teoria prevê a existência de seções dentro de um campo léxico, podendo este se estruturar em termos de macrocampo e microcampo. O macrocampo corresponde ao próprio campo léxico e se caracteriza pela existência de unidade lexical (arquilexia) que representa toda a significação de um campo, esta unidade pode manter oposição com uma lexia simples ou com outra arquilexia. Um microcampo é definido como “secciones de un campo de un nivel muy bajo, pero no para caracterizar campos enteros o macro campos”⁶ (COSERIU, p.216). Este nível baixo de relações a que Coseriu se refere se dá por conta da inexistência de arquilexias, uma vez que as relações internas de um microcampo se dão exclusivamente entre lexias simples.

O campo sócio-político é aquele que compreende lexias que dizem respeito a fatos relacionados à conjuntura sócio-política, num determinado período histórico. Vocábulos ou expressões cujo significado possua vínculo com essas duas significações maiores agrupam-se nesse campo. Para este trabalho, foram tomados alguns vocábulos e expressões do texto de Bemvindo Sequeira como amostra da aplicação da teoria estrutural ao vocabulário.

4. “ME SEGURA QUE EU VOU DAR UM VOTO” DE BEMVINDO SEQUEIRA

A peça “Me segura que eu vou dar um voto”, de Bemvindo Sequeira, tem dois testemunhos no Espaço Xisto Bahia e foi encenada em Salvador no ano de 1982, no Teatro Vila Velha.

Bemvindo Sequeira é mineiro, mas teve extensiva participação no teatro baiano, atuou no “Teatro dos Novos” de João Augusto Azevedo, foi criador do Movimento Teatro de Rua Brasil, em 1976, Salvador. Participou de outras inúmeras peças produzidas e encenadas na Bahia e no Brasil.

O espetáculo é um monólogo, com ato único, cujo enredo traz uma crítica bem humorada, mas pungente ao cenário político baiano e brasileiro da década de 80, bem como críticas aos problemas econômicos e sociais. O primeiro testemunho, doravante chamado T1, é uma cópia xerográfica de datiloscrito censurado, cujo suporte tem formato A4, amarelado pelo tempo, somando 26 folhas. O testemunho data de junho/julho 1982, Salvador.

O segundo testemunho será identificado por T2, e é datado de julho 1982, Salvador. Papel formato ofício. Trata-se de cópia de datiloscrito totalizando 24 folhas, a numeração destas é irregular, contendo duas folhas numeradas com 13 e ausência das folhas 15, 16, 17, 18 e 19. As três últimas folhas, que também são reproduções, apresentam o carimbo SR-BA-DPF, o que indica a provável existência de mais um testemunho censurado pelo DPF, que até o presente momento não foi encontrado. Elege-se como objeto de estudo do presente artigo T1, por estar completo.

4.1 Os cortes de “Me segura que eu vou dar um voto” e o campo sócio-político

O texto de Bemvindo Sequeira não sofreu os cortes oficiais da censura prévia. Dentre as marcas encontradas em seu texto há aquelas que são fruto de opções feitas pelo autor, e outras que foram “sugestões” feitas pelos censores de maneira “extra-oficial”⁷. Nesse sentido, a

⁶Traduzindo: “Seções em um nível muito baixo, porém não para configurar campos inteiros ou macrocampos”

⁷ Informação obtida com Bemvindo Sequeira por meio de correio eletrônico em 15 de abril de 2007. Os cortes “extra-oficiais” se referem àqueles que não foram feitos pela censura prévia.

influência da censura e da figura dos censores era tão expressiva que as “sugestões” são prontamente acatadas. O estudo dessas marcas “extra-oficiais” adquire relevância no que concerne ao conhecimento do alcance da censura militar. É possível perceber que a censura militar é assimilada pelo dramaturgo sob a forma de autocensura, aquela que se dá no âmbito privado, tanto no que diz respeito à introjeção da ideologia militar, quanto ao aperfeiçoamento do texto pelo autor, no intento de encontrar a melhor maneira para representar o cenário político baiano às vésperas de uma eleição para governador.

O texto traz cortes feitos em tinta azul, no qual se destaca o trecho a ser retirado, e escreve-se de próprio punho “corte”. Alguns trechos estão destacados, mas não há a explicitação “corte”. Por meio dos cortes, analisar-se-á o campo sócio-político no qual se pode destacar a existência de microcampos, a saber: “rebeliões”, “cargos e postos”, “datas comemorativas”, “símbolos pátrios”, “lugares”, “problemas econômicos” e “personalidades políticas”.

Vejamos abaixo:

Rebelião

Quartelada: Revolução sediada em quartel, com conotação pejorativa, comandada por militares com o intento de tomar o poder.

Revolução: Transformação na estrutura política que envolve um número significativo de pessoas, através da força física, implicando em modificações da estrutura da sociedade.

< Mas se o João é aquele cidadão,
Que *quartelada* chama de *revolução*> (f. 7, l. 15-16)

Cargos e postos

Candidatos: Aquele que se propõe a ocupar um cargo político e necessita de votos que o elejam.

< expliquei-lhe que isto era uma obra séria; que se
tratava de um espetáculo de respeito, para comigo e para com o público;
a apelação eu deixava por conta dos *candidatos* > (f. 14, l. 33-34)

Governadorias ‘Cargo ou função de governador’

<“Falando em *Governadorias*> (f. 23 l.23)

Datas Comemorativas

1º de abril: Dia do Golpe Militar de 1964;

15 de novembro: Dia da Proclamação da República, dia no qual se realizavam as eleições até o ano de 1989.

< Mas se o João é aquele cidadão,
Que *quartelada* chama de *revolução*,
Que joga bomba dizendo que é São João,
E que não gosta de *1º de abril*,
Ele merece ir pra...
Ele merece ir pra *15 de novembro*> (f. 7, l. 15-20)

Símbolos pátrios

Bandeira nacional: Pedaco de pano retangular com diversas cores, emblemas ou legendas, que simboliza união, soberania, comunhão de idéias e disciplina.

< Dizem que o papagaio vinha andando pela rua e a *bandeira* [do Brasil]
resolveu/ curtir com a cara dele > (f.21, l. 34-35)

Lugares

Palácio da aclamação: Residência oficial do governador da Bahia até 1967

< primeiro dia de trabalho normal no *Palácio da Aclamação* > (f. 23 1.26-27)

Problemas econômicos

Inflação: Aumento excessivo dos preços à medida que diminui o poder de compra da moeda em vigor, causado pelo aumento da emissão de papel-moeda em desacordo com a quantidade de bens disponíveis.

Cruzeiro: Antiga unidade monetária e moeda brasileira dividida em 100 centavos, que entrou em vigor em 1942, quando substituiu o *mil-réis*, e que em 1967, agravando-se o processo inflacionário foi reavaliada, substituída pelo *cruzeiro novo* que valia mil cruzeiros antigos. Em 1986 esta moeda foi substituída pelo *cruzado*, voltando, novamente à circulação de 1990 a 1993, sendo substituída pelo *cruzeiro real*.

<Que acredita que venceu a *inflação*,
E que não vê que *tudo sobe*,
Que só o *cruzeiro desce*,> (f. 6, 1.28-30)

Dívida externa: ‘Dívida de um Estado para com outro país’.

<Que não se importa com a nossa *dívida externa*,
Que mais parece com uma *dívida eterna*,
Para ser paga com uma *divina prece*,> (f. 7, 1.1-3)

Personalidades Políticas

Antônio Carlos Magalhães(ACM): Influente político baiano, foi um dos articuladores do golpe militar e por três vezes governador do Estado da Bahia.

Roberto Santos: aliado de ACM, foi governador da Bahia de 1975 a 1979.

<“Falando em Governadorias, conta-se que quando *Antônio Carlos Magalhães* assumiu o governo pela segunda vez, ocupando o lugar de *Roberto Santos*, os dois já estavam brigados> (f.23, 1.23-25)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações aqui desenvolvidas, verificou-se que os vocábulos que foram retirados do texto se relacionam diretamente com a conjuntura sócio-política da sociedade baiana do início dos anos 80. Estes possuem uma carga semântica e ideológica que diz respeito ao contexto cultural e à representação que o sujeito-escritor faz dessa conjuntura. Especificamente, a análise do vocabulário utilizado nesse texto e a análise da atuação da censura “extra-oficial” nos mostram o quanto o teatro pode ser instrumento de conscientização de uma população através de sua mensagem original. Por outro lado, como, a partir da supressão de palavras, trechos ou páginas, é possível ocultar um discurso e, por conseguinte, limitar a percepção de toda a comunidade. Não poder falar em cidadania, ou em problemas sociais e econômicos ou ainda não poder citar nomes de políticos importantes é também não conseguir refletir coletivamente a respeito de tais questões e, portanto, não buscar soluções para elas. Assim, percebe-se a influência da censura no período da Ditadura Militar, que conseguiu estabelecer-se no âmbito privado do dramaturgo, calando a voz e detendo (em parte) a ação dos brasileiros por duas décadas. A noção de campo léxico se torna importante para a compreensão desse processo, tendo em vista que o jogo de palavras utilizado para ironizar uma determinada situação, bem como sua acepção num determinado contexto, são amostras dos traços distintivos elucidados por Coseriu. Desse modo, as pesquisas envolvendo o estudo do léxico devem ser aprofundadas e divulgadas a fim de elucidar fatos outrora ocultados pelo regime ditatorial.

REFERÊNCIAS

ABBADE, CELINA MARCIA DE SOUZA; UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Instituto de Letras. **Três campos lexicais no vocabulário do livro de cozinha da infanta D. Maria**. Salvador, 1998. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, 1998

ABBADE, Celina Márcia DE Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos. **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p.213-225.

Biografia de Bemvindo Sequeira, Disponível em: <<http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/personalidades/bemvindo-sequeira/bemvindo-sequeira.asp>>. Acesso em 3 nov.2006.

Biografia de Antônio Carlos Magalhães Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Carlos_Magalhaes>. Acesso em 3 nov. 2006.

Biografia de Roberto Santos. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Santos>. Acesso em 03 nov. 2006.

BRASIL. Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968. Dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, cria o Conselho Superior de Censura, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 21 de nov. 1968. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/censuraconselhosuperior.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. 2. ed. Madrid: Gredos. 242p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1986.

FRANCO, Aninha. **O Teatro na Bahia através da imprensa: século XX**. Salvador: FCJA; COFIC; FCEBA, 1994.

História do PDS. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/PDS>>. Acesso em 3/11/06.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 2922 p.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998 2267 p.

SIMON, Maria Lúcia Mexias. O vocabulário da escravidão. In: _____: **O falar da escravidão**. O Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. cap. 4. p. 37-53.

SANTOS, Rosa Borges dos. **Algumas observações acerca do vocabulário censurado em textos teatrais produzidos na Bahia**. In: XXI Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, 2006, João Pessoa. XXI Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos. João Pessoa: Idéia, 2006. p. 183-190.

SEQUEIRA, Bemvindo. **Me segura que eu vou dar um voto**. Salvador, 1982.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negria (org.) **As ciências do léxico**: lexicografia, lexicologia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998. p.